

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: 114.01.11.1

Data: 02.01.75

Pg.: _____

Reflorestamento e agricultura, duas preocupações nos postos indígenas de São Paulo.

A saída para os índios:
criar uma boa lavoura e um bom rebanho. Depois, uma cooperativa, que vai acabar com a venda de cachaça aos índios.

O reflorestamento dos postos indígenas de Vanuíre, Icatu e Araribá é uma das preocupações de Alvaro Villas Boas, chefe da Ajudância da Funai em São Paulo e irmão mais moço de Cláudio e Orlando. Mas, mesmo quando ele conseguir encher de eucaliptos e algumas essências brasileiras os imensos espaços vazios atuais, esse verde não restituirá aos índios a caça abundante de antigamente.

Nem Alvaro Villas Boas está pensando nisso. A solução para o sustento dos índios, na sua opinião, está na lavoura de subsistência, na criação de algum gado e na cultura de produtos próprios da região, como o abacaxi e o bicho-da-seda. Exatamente o que os índios de Araribá estão começando a fazer e os de Icatu e Vanuíre estão pensando tentar. Ou melhor, exatamente o que a Funai está fazendo para eles.

A lavoura de subsistência — pequenas roças de milho, arroz, feijão e mandioca — sempre existiu. O gado tem poucas cabeças e não é propriamente do índio, mas continua nos pastos, sob controle do patrimônio da Funai. O abacaxi e o bicho-da-seda são a grande novidade. Araribá vai colher agora os primeiros frutos de sua plantação de 52 mil pés de abacaxi e Vanuíre está vendo crescer duas mil mudas novas. Se der certo, os índios terão dinheiro para grandes planos.

Faustino, 42 anos, cacique dos Terena de Araribá, calcula em 30 mil frutos "por baixo" a colheita de abacaxi. Ele está tão animado com a perspectiva de lucros que já está pensando em limpar a terra para estender a plantação. O cacique concorda com o destino que Álvaro Villas Boas pretende dar ao dinheiro:

— Será um dinheiro, uns Cr\$ 30 mil, pelo menos, destinado à comunidade indígena, — explica Villas Boas. Com esse recurso poderemos levar água a todas as casas dos Terena e, futuramente, às casas dos Guarani. Água corrente significa higiene e saúde para os índios, que são o essencial nos três postos.

A captação de água potável e pura já está pronta em Vanuíre e Araribá. Só existe problema em Icatu, que tem um poço quase seco, embora esse nome signifique, ironicamente, "bom, bonito". Quando todo o sistema — captação e distribuição — estiver pronto, será possível eliminar quase completamente a doença mais comuns entre os índios do interior paulista, que é a verminose.

A cultura do bicho-da-seda também está dando bons resultados em Araribá e, se o cacique Faustino e seu colega Felicíssimo, cacique dos Guarani, não falam dela com o mesmo entusiasmo, é só por causa dos preços baixos do mercado. Por enquanto, os índios vendem o casulo aos quilos, mas já se pensa até em construir uma pequena fiação.

O gado, uma solução que Álvaro Villas Boas encara com muita cautela, poderá aumentar no futuro, pelo menos em Araribá, que tem 890 alqueires de terras. (Vanuíre tem 280 alqueires e Icatu, cerca de 119 alqueires.) O problema é que os Terena, que se revelaram ótimos agricultores, não têm muita experiência pecuária. De qualquer maneira, se a Funai decidir desenvolver a criação de gado em Araribá não será com o atual rebanho de 132 cabeças, que serão vendidas

por ordem de Brasília, mas a partir de novo planejamento.

Todo esse trabalho será facilitado a partir dos próximos meses, quando a Ajudância se transformar na 12ª Delegacia da Funai e se transferir para Bauru, de acordo com o plano e a promessa do general Ismarth de Araújo Oliveira. Até agora, Alvaro Villas Boas trabalha em São Paulo, com poucos recursos, pessoal insuficiente e longe dos postos, com os quais não tem ligação. Criada a delegacia, Bauru falará pelo rádio com Vanuíre, Icatu e Araribá.

Aí será possível até fundar uma cooperativa agrícola para os índios, como planeja Almir Ribeiro Carvalho, em Araribá. Seria uma boa maneira, ele acredita, de a Funai garantir bons preços para os produtos dos índios, fornecendo-lhes, ao mesmo tempo, aquilo que eles precisam comprar. A Funai funcionará sempre como um órgão de assistência, servindo de intermediária entre o índio e o mercado.

— Logo que for possível abrir um entreposto, como primeiro passo para a cooperativa — diz Almir — conseguiremos acabar com os abusos daqueles que ainda vendem cachaça para os índios. O problema não são tanto os pequenos comerciantes que têm vendas nas vizinhanças do posto, mas outros intermediários difíceis de localizar.

Muita coisa ainda está nos planos, mas os três postos do Interior eram muito piores até 1967, quando a Funai foi criada. O antigo Serviço de Proteção aos índios, que fundou Vanuíre, Icatu e Araribá na década de 1910, deixou-os praticamente abandonados, a partir de 1930. Uma prova disso é o livro de registros de nascimentos do posto Vanuíre. Nasceram lá 65 índios (outros não foram registrados no posto) entre abril de 1949 e novembro de 1974, mas não há um só registro entre 1960 e 1967.

Quando Araribá foi criado, em 1911, os índios Guarani ainda eram mais de 300. Foi a gripe espanhola de 1919 que os reduziu a apenas 10 por cento, matando também grande número de Kaingang. Foi para ocupar o espaço vazio que Rondon trouxe os Terena de Mato Grosso, onde essa nação indígena ainda é numerosa.

— Felizmente, a população está crescendo em Vanuíre, Icatu e Araribá, ao contrário de outros postos indígenas do Brasil — diz Álvaro Villas Boas com muito otimismo.

E ele tem razão de ser otimista: os índios aumentaram de 256 para 286 em Araribá, de 150 para 173 em Vanuíre e de 45 para 58 em Icatu, nos últimos cinco anos. Durante os 12 meses de 1974, Vanuíre não viu morrer um só índio, enquanto nasciam seis crianças.

— E dizer que em janeiro de 1970 eu até chegava a propor o fechamento de Icatu, pedindo a transferência de seus índios para Araribá! — comenta, agora, Álvaro Villas Boas, que já mudou de opinião.

A explicação para isso, diz ele, é a melhoria das condições de higiene e a assistência médica. Os índios ainda dependem da boa vontade dos médicos das cidades vizinhas, que lhes receitam sem cobrar a consulta, mas já dispõem de ambulatórios e enfermeiros nos postos. Maria Luiza, por exemplo, fez um curso de atendente de enfermagem, quando se casou com Almir, o chefe do posto Araribá.